

Caracterização fitofisionômica da área “peixe tolo” (conceição do mato Dentro) - MG.

¹FERREIRA, C. M.; ¹GONTIJO, M.; ¹MENDES, M. S. & ²WERNECK, M. S.

¹Graduandas do curso de Ciências Biológicas - Gestão Ambiental, PUC Minas Betim; e-mail: cibio20@yahoo.com.br .² Biólogo..

Introdução

A área “Peixe Tolo” está localizada no município de Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais. Tal município está situado na Cadeia do Espinhaço, serra que se estende de Minas Gerais até a Bahia, compreendendo uma área de cerca de 1000Km de comprimento por 50-100 Km de largura onde de estabelece um rico mosaico de comunidades sob o controle da topografia local, natureza do substrato e do microclima.(Mendonça e Lins, 2000). Em geral, a cobertura vegetal é dominada por Campo Rupestre, porém nas mesmas altitudes podem ser encontradas matas de galeria, cerrados e florestas de altitude. A florística da região é bastante diversa, sugerindo um alto grau de endemismo, sendo que 68% das Eriocaulaceae, 84% das Xyridaceae e 91% das Velloziaceae são restritas a Serra do Espinhaço.

Objetivos

Objetivo Geral: Caracterizar as fitofisionomias da área “Peixe Tolo” na cidade de Conceição do Mato Dentro em Minas Gerais; **Objetivos Específicos:** Embasamento teórico para justificar a criação de uma RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) no local; Fornecer subsídios para futuras pesquisas locais; Oferecer dados para futuro mapeamento de biótopos e análises da dinâmica da paisagem.

Material e Métodos

A partir de caminhadas em trilhas pré-existentes foi possível uma visualização da área. Com o auxílio da fotodocumentação e literatura especializada identificou-se características peculiares que determinaram cada fitofisionomia. As definições fitofisionômicas foram baseadas em Sano e Almeida, 1998.

Resultados

A partir da metodologia aplicada foram encontradas: **Fitofisionomias campestres:** Campo limpo - Esta formação é tipicamente encontrada nas porções superiores das encostas e em áreas planas formando um gradiente com os campos sujos. A composição florística desta fitofisionomia é bastante variável ao longo de toda a área, ocorrendo formações às vezes com o predomínio de Velloziaceae e Eriocaulaceae e, outrora, com o predomínio de Poaceae e Melastomataceae. Campo sujo - Presente em um gradiente de biomassa, entre áreas com predominância de espécies herbáceas e áreas de vegetação lenhosa. Trata-se da fitofisionomia dominante devido à altitude e frequência de afloramentos rochosos. Tal fitofisionomia é dominada por espécies das famílias Eriocaulaceae, Velloziaceae, Melastomataceae, Asteraceae, Poaceae, Cyperaceae, Xiridaceae e Fabaceae. Cerrado rupestre - Ocorre nas encostas dos costões rochosos, formando uma faixa de transição entre os campos sujos e campos rupestres. **Fitofisionomias florestais.** Mata ripária ou ciliar - Trata-se da fitofisionomia florestal dominante na área, já que esta é rica em nascentes e pequenos cursos d’água rasos, com largura máxima de 5 metros, quase sempre acompanhados, em sua maior extensão por matas ripárias. Tais formações ocorrem como contínuos ou pontos em ótimo estado de conservação. Faixas de transição - São muito frequentes e ocorrem em áreas de transição entre campos e florestas. Em geral são áreas inclinadas, com o solo mais raso resultante da drenagem de nutrientes. Foi observado nesta fitofisionomia o predomínio de *Eremanthus incanus*(Asteraceae).

Conclusões

A região em questão é parte integrante da Cadeia do Espinhaço, apresentando, portanto, características paralelas. Não foram encontrados indícios de corte ou coleta seletiva de espécies, sendo o estágio de conservação da área elevado. Em função do alto grau de especialização das espécies de Campos Rupestres, e do isolamento imposto pelo relevo, pode-se dizer que a área “Peixe Tolo” abriga uma significativa amostra da vegetação nativa dos Campos Rupestres, que ocupam a ampla maioria da Serra do Espinhaço. Uma das alternativas eminentes para a manutenção da biodiversidade é a preservação de áreas remanescentes. A criação de unidades de conservação tem sido considerada por vários países como a melhor estratégia para se assegurar à diversidade de seres vivos e a proteção de habitat ameaçados. Considerando-se os inúmeros impactos à que os ecossistemas vêm sendo submetidos, a alta diversidade e o grau de endemismo da região, recomenda-se a continuidade de estudos a fim

de angariar informações que venham a servir como ferramenta para a conservação, à proposição de manejo e adequação para uma efetiva gestão ambiental

Referências Bibliográficas

COSTA, C.M.R.; HERMANN, G; MARTINS, C. S.; LINS, L. V.& LAMAS, I. R. (org.) 1998. **Biodiversidade em Minas Gerais**: um Atlas para sua conservação. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas, 94 p.

FERNANDES, A.; BEZERRA, P. **Estudo fitogeográfico do Brasil**. Fortaleza: Stylus comunicações, 1990. 205p.

MENDONÇA, Míriam P.; LINS, Livia V.(Orgs.) **Lista vermelha das espécies ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais**. Fund. Biodiversitas & Fund. Zôo-Botânica. Belo Horizonte, 2000.157 p.

SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P. **Cerrado: Ambiente e flora Planaltina** Embrapa - CPAC, 1998. 556p.